

## Itinerário do uso e da variação de *nós* e *a gente* em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental e da Rede Pública de Florianópolis

Ana Kelly Borba da Silva Brustolin<sup>1</sup>

### 1. Introdução

Atualmente, no português do Brasil (doravante PB), observamos uma alternância entre **nós** e **a gente** para representar a 1ª pessoa do plural, como podemos ratificar em inúmeros estudos realizados nesta área: Albán e Freitas (1991), Freitas (1991), Albán et al. (1991), Freitas (1997), Lopes (1993, 1998, 2007), Machado (1995), Naro et. al. (1999), O mena (1998, 2003), Seara (2000), Zilles, Maya e Silva (2000), Zilles (2005, 2006, 2007), Menon, Lambach & Landarin (2003), Borges (2004), Fernandes (2004), Silva (2004), Vianna (2006) e outros. Discutiremos<sup>2</sup>, neste estudo, o uso e a variação de **nós** e **a gente** com o intuito de averiguar se o pronome **a gente** já está, de fato, inserido na língua escrita e falada dos alunos do ensino fundamental (5ª, 6ª, 7ª e 8ª série) em quatro escolas da rede pública de ensino de Florianópolis.

### 2. Questões, objetivos e hipóteses

A introdução da forma inovadora **a gente** no quadro dos pronomes pessoais, como uma variante do pronome de 1ª pessoa no plural, está se

---

<sup>1</sup> Professora efetiva da Educação Básica pelo município de Florianópolis/SC e tutora da EAD/UFSC – Polo de Chapecó. Contato: anakellyborba@gmail.com.

<sup>2</sup> Este estudo é resultado de minha dissertação de mestrado defendida em 5 de maio de 2009, pela UFSC e com apoio da CAPES, sob orientação da Profª Drª Izete L. Coelho. Há, na dissertação, com mais vagar, abordagem sobre tratamentos dispensados às formas pronominais **nós** e **a gente** em gramáticas tradicionais (GT) e em estudos sociolinguísticos – revisão de literatura.

efetivando na língua, tanto na modalidade falada quanto na escrita dos alunos de ensino fundamental?

Elegemos, a seguir, três objetivos gerais para este estudo:

(i) Verificar e analisar a alternância dos pronomes **nós** e **a gente**, observando, no ambiente escolar, os fatores linguísticos, sociais e estilísticos que condicionam seu uso efetivo na modalidade escrita e falada de alunos do ensino fundamental (5<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> série) de quatro escolas da rede pública de ensino na cidade de Florianópolis; (ii) propor uma análise (socio)linguística sincrônica das construções com **nós** e **a gente** na função de sujeito e seu reflexo na variação da concordância verbal, em especial, e na variação do preenchimento do sujeito pronominal; e (iii) discutir alguns pressupostos, mais especificamente a concepção de norma linguística e o problema empírico de avaliação, da teoria da variação e mudança (Cf. Bagno, 2004; Weinreich, Labov & Herzog, 1968 e Labov, 1972, 1982, 2003), a fim de suscitar reflexões acerca de nosso objeto de estudo.

Esquadrinhando caminhos para deslindar tais objetivos, estaremos acompanhados de algumas hipóteses gerais:

(i') A variação de **nós** e **a gente** é motivada linguisticamente: a) está associada ao preenchimento ou não do sujeito: quanto mais preenchido, há mais ocorrência de **a gente**, quanto menos preenchido, há mais ocorrência do **nós** (Cf. Duarte, 1993, 1995); b) está associada à marca morfêmica do verbo que acompanha o pronome: a combinação de **a gente** com a marca morfêmica - Ø e de **nós** com marca morfêmica *-mos*, possivelmente, é majoritária nos dados, até mesmo por causa da influência da escola, uma vez que a pesquisa foi realizada nesse ambiente; c) está associada à saliência fônica – os níveis de saliência fônica mais baixos favorecem o emprego de **a gente**, enquanto os níveis mais altos de saliência propiciam o uso de **nós** (Omena, 1998 [1986]; Lopes, 1993; Machado, 1995; entre outros).

(ii') A variação de **nós** e **a gente** é motivada socialmente: (i) está associada ao sexo do informante – mulheres utilizam mais a forma **a gente** (Lopes, 1999); e, (ii) está associada à idade do informante – a faixa etária compreendida entre 10 a 14 anos tende a usar mais o pronome **a gente** na escrita do que a faixa etária compreendida entre 15 a 19 anos.

(iii') A variação de **nós** e **a gente** é motivada pela oposição da modalidade (fala x escrita). As formas pronominais **nós** e **a gente** aparecem tanto na escrita quanto na fala dos alunos do ensino fundamental das quatro escolas integrantes desta pesquisa. Entretanto, acreditamos que o pronome **a gente** apareça predominantemente na fala e o **nós**

predominantemente na escrita. Acreditamos, igualmente, que as formas pronominais **nós** e **a gente**, tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita, estão sujeitas à marcação estilística: **nós** tende a aparecer mais em linguagem monitorada (escrita), enquanto **a gente** em linguagem espontânea (fala) (isto é, no vernáculo). Para testar esta hipótese de avaliação do uso de **nós** e **a gente**, realizamos testes de atitude subjetiva com os alunos.

## 2.1. Justificativa e apresentação do estudo

Esta pesquisa se justifica na medida em que vai diagnosticar o uso das formas **nós** e **a gente** em variação nas escolas, em diferentes estilos, bem como o reflexo desse uso a outros fenômenos com os quais ele está correlacionado, como a concordância verbal e o preenchimento do sujeito. Além do mais, se justifica por propor uma reflexão em torno desse uso, suscitando questionamentos a respeito do ensino de língua nas escolas e proporcionando condições para que esse ensino seja o resultado de futuras situações reais de interação em sala de aula, sem que o professor e/ou o aluno adotem uma postura preconceituosa em relação aos usos variáveis da língua.

## 2.2. A amostra utilizada

A Sociolinguística Variacionista foi inicialmente proposta pelo linguista norte-americano William Labov. Considerando a língua como sistema heterogêneo, a Sociolinguística Variacionista estuda a língua em comunidades de fala, levando em conta o contexto social, como por exemplo, escolaridade e faixa etária dos indivíduos. Língua, para Labov (1972, p. 183), “é uma forma de comportamento social, (...) usada por indivíduos em um contexto social para comunicar suas necessidades, idéias, emoções.”

As expressões de sujeito **nós** e **a gente**, por exemplo, são formas alternativas de *dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade* (Labov, 1972). A designação flexional do verbo tem sido bastante valorizada nas salas de aula, sendo que a não-utilização (**nós vai**) da marca explícita de concordância (ou o contrário, no caso de **a gente fomos**) representa, em geral, um traço de diferenciação social, de modo geral acompanhada de estigma. Com o avanço de estudos sociolinguísticos, pensar o ensino da língua, atualmente, envolve antes uma reflexão essencial a respeito da dinâmica da língua, sobre os condicionadores sociais que levam a variações e mudanças linguísticas.

Analisaremos todas as produções de texto referentes à escrita dos alunos nas escolas pesquisadas e apenas as narrativas orais<sup>3</sup> dos alunos de uma das quatro escolas. Partimos de uma proposta de produção textual (narrativa pessoal) – solicitada aos alunos de 5<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> série, em que estes deveriam relatar a respeito de um momento marcante da vida deles, vivenciado juntamente com outras pessoas – para se resgatar, preferencialmente, a primeira pessoa do plural. De acordo com Labov (1972), os relatos sobre experiências vividas, sobretudo perigo de morte, fazem com que o falante não se preocupe com *como* falar e sim com *o que* falar, aproximando-se do vernáculo. Realizamos a coleta de dados do texto escrito na primeira quinzena de julho e a coleta de dados de fala a partir da segunda quinzena de agosto até outubro de 2008 e acreditamos que um aspecto favorável a esta pesquisa foi o fato de a entrevistadora/pesquisadora já ter trabalhado nas escolas selecionadas, pois tem familiaridade e bom relacionamento com os alunos. A coleta de dados de fala consistiu na gravação das mesmas histórias que os alunos já tinham escrito na primeira etapa, objetivando um olhar atento às formas pronominais e seu uso efetivo na narrativa escrita e oral – acreditamos que haja mais **a gente** em narrativas orais, uma vez que a atividade de escrita já exige um maior monitoramento por parte dos alunos na escola.

Falamos, nas duas coletas, aos alunos-informantes que estávamos na escola para desenvolver um trabalho para a UFSC, visando à coleta de depoimentos de história de vida deles, ou seja, nada referido à língua foi mencionado aos alunos.

### 3. Resultados, análises e discussão

#### 3.1. Análise geral

A amostra analisada apresentou 1.667 ocorrências de **nós** e **a gente** nos dados de escrita e fala<sup>4</sup> dos alunos do ensino fundamental de Florianópolis. Dentre estas, houve a presença do pronome **a gente**, com 424 ocorrências, correspondendo a 25% do total. As ocorrências com o pronome **nós**, 1.243, correspondem a 75% do total.

Considerando o pronome **a gente** como aplicação da regra, os grupos de fatores selecionados como significativos pelo programa VARBRUL, por ordem de relevância, foram: 1<sup>o</sup> Marca morfêmica; 2<sup>o</sup>

---

<sup>3</sup> Não houve tempo hábil para analisarmos todas as narrativas orais dos alunos das quatro escolas; em virtude de greves, horários delimitados pelos professores para fazer a pesquisa e outros, nossa coleta se alargou por um período maior do que o planejado.

<sup>4</sup> Note que utilizamos os dados de escrita das quatro escolas, porém em relação aos dados de fala, foram usados apenas os dados de fala da escola 3.

Preenchimento do sujeito; 3º Fala/escrita; 4º Paralelismo formal (sujeito-sujeito); 5º Saliência fônica; 6º Sexo; 7º Série (5ª, 6ª, 7ª, 8ª) e 8º Paralelismo formal (sujeito-objeto). Além dessas variáveis linguísticas, ainda temos as variáveis extralinguísticas: (i) sexo, (ii) série e (iii) fala e (iv) escrita, indicando que também estão em jogo na variação dos pronomes **nós/a gente** as determinações socioculturais dos alunos-informantes.

### 3.2 Resultados e discussão da oposição entre a modalidade fala x escrita

Analisamos a variação estilística dos pronomes **nós** e **a gente** com base nas modalidades fala e escrita que apresentaram no total 1.667 ocorrências. (Cf. tabela 1)

Tabela 1: Frequência e probabilidade total de *a gente*, segundo as variáveis escrita e fala

	Aplicação/Total	(%)	PR
<b>Escrita</b>	174/1.284	14%	.37
<b>Fala</b>	250/383	65%	.86
<b>TOTAL</b>	424/1.667	25%	

Verificamos que 174 ocorrências (14%) foram para o pronome **a gente** na escrita dos alunos-informantes integrantes das quatro escolas e 250 ocorrências (65%) foram para o pronome **a gente** na fala dos alunos do ensino fundamental de Florianópolis na escola 3 selecionada. Essa grande diferença entre escrita e fala parece sugerir que os alunos evitam **a gente** no texto produzido na escola, o que poderia ser relacionado com estigmatização desse uso nesse contexto. Ao mesmo tempo, pode-se associar essa diferença com o fato de as mudanças ocorrerem antes na fala e só depois na escrita, especialmente quando não há estigma impedindo esse uso. Ainda que falte uma maior reflexão em termos da língua em uso nas salas de aula, o pronome **a gente** já ocorre efetivamente na escrita (14%) e na fala dos alunos, de todas as séries analisadas (65%), suplantando o **nós** na fala.

### 3.3. Resultados e discussão das variáveis linguísticas

#### 3.3.1. Marca morfêmica

O primeiro grupo de fatores selecionado pelo programa estatístico VARBRUL diz respeito à marca morfêmica<sup>5</sup> do verbo que acompanha o

<sup>5</sup> Este grupo de fatores *marca morfêmica* foi selecionado como o mais significativo em todas as rodadas realizadas: (i) todos os dados de fala e escrita coletados, (ii) apenas os dados de fala coletados na escola 3; (iii) apenas os dados de escrita das quatro escolas, e, (iv) rodadas apenas com o tempo verbal, excluindo-se a saliência fônica.

pronome de primeira pessoa do plural **nós** ou **a gente**. Foram controladas as estratégias de concordância morfema **-mos** e morfema  $\emptyset$  (**zero**) de **nós** e **a gente**. Os resultados dos estudos de Menon (1995), Lopes (1999), Naro et al. (1999), Menon, Lambach e Landarin (2003), Borges (2004) e Vianna (2006) serviram de base para estabelecermos a nossa hipótese já citada anteriormente.

Constatamos, em nossos dados, a possibilidade de quatro maneiras diferentes de realizar a concordância verbal referente aos pronomes **nós** e **a gente** (**nós** + *-mos*, **nós** +  $\emptyset$ , **a gente** +  $\emptyset$ , **a gente** + *-mos*), apesar de haver predominância, de maneira geral, da combinação de **a gente** com  $\emptyset$  (verbo em **P3**) e de **nós** com *-mos* (verbo em **P4**).

A seguir, apresentamos a tabela 2 com os resultados obtidos.

Tabela 2: Frequência e probabilidade de *a gente*, segundo a variável marca morfêmica do verbo que o acompanha

Marca morfêmica	Aplicação/Total	%	PR
morfema <b>-mos</b>	56/1.216	4%	.21
morfema $\emptyset$ ( <b>zero</b> )	368/395	92%	.99
<b>TOTAL</b>	424/1.667	25%	

Embora tenham sido encontradas as duas possibilidades de concordância verbal com as formas **nós** e **a gente**, observamos maior produtividade dos verbos com morfema  $\emptyset$  (**zero**) ou em P3 combinando-se com o pronome **a gente**, em um total de 92% e PR .99 contra 4% e PR .21 de **a gente** com morfema *-mos*. Os exemplos a seguir ilustram as estratégias usadas pelos alunos do ensino fundamental encontradas em nossa amostra:

· **DADOS DE ESCRITA**

(1) Nós + P3

"[...] Daí quando **nos tava** passando" (54M1e)

(2) Nós + P4

"[...] **nós perdemos** de 14 a 0 e no segundo jogo." (54M1e)

(3) A gente + P3

"[...] enquanto **a gente andava** veio um menino...." (74F1e)

(4) A gente + P4

"[...] depois **a gente saímos** do shopping." (50F3e)

· **DADOS DE FALA**

(5) Nós + P3

"[...] **nós tinha** bastante comida pra comê..." (62M3f)

(6) Nós + P4

"[...] bateu o recreio **nós fomos** pro recreio e depois **nóis demo** a mochila pra ele." (74M3f)

(7) A gente + P3

"Quase sempre **a gente vai** um monte [...] no shoppi" (50M3f)

(8) A gente + P4

"[...] **a gente ficamo** um pouco [...] e depois voltamo pra casa". (50F3f)

Como observamos na tabela 2, em um total de 395 dados de marca morfêmica **zero**, foram encontradas 368 ocorrências do pronome **a gente Ø**. Tais resultados parecem mostrar que **a gente** – embora possa integrar o sistema pronominal com verbo que apresente a marca morfêmica **-mos**, mantém o traço formal e original de 3ª pessoa, sendo mais empregado com morfema **Ø (zero)**, concernente ao nome coletivo *gente*. Segundo Lopes (1999), durante a passagem de nome para pronome, nem todas as propriedades formais nominais são perdidas, assim como não são assumidas todas as propriedades inerentes aos pronomes pessoais. O peso relativo .99 associado à combinação de **a gente** com verbo acompanhado de marca morfêmica **Ø (zero)** sustenta essa hipótese. De acordo com nossos resultados, apesar de observarmos presença de **a gente -mos**, o traço de pessoa em **a gente Ø (zero)** favorece – muito – a forma pronominal **a gente**.

Há que se considerar que outro aspecto evidenciado no PB se refere ao fato de o pronome **a gente** estar associado semanticamente com o referente no plural, ou seja, podemos encontrar na língua, como mostram os trabalhos de Omena 1998 [1986], Menon (1995) e Naro et al. (1999), exemplos de fala como: **a gente dançamos**, **a gente fomos**, entre outros, que, segundo Borges (2004), colaboram para assinalar o pronome **a gente** como um pronome pessoal, visto que o falante os emprega associando-os ao "eu" (pessoa que fala) e mais outra(s) pessoas. Assim, embora a diferença seja grande em relação ao outro caso, os resultados na tabela acima vêm confirmar esse fato, visto que em um total de 1.216 dados de marca morfêmica **-mos** foram encontradas 56 ocorrências do pronome **a gente -mos**, com 4% de frequência e peso relativo .21.

Nossos resultados se assemelham muito aos resultados a que chegou Vianna (2006) em seu estudo. Nas palavras dela (2006, p. 78), ao que parece, "esse valor semântico coletivo, herdado do nome *gente*, seria o responsável por conservar a concordância formal com formas verbais em P3, cuja marca é representada pelo morfema **Ø**".

Com base em nossos dados de fala e escrita, comprovamos, deste modo, a existência de **a gente** com marca morfêmica *-mos* (verbo em P4), o que, talvez, se deva ao fato de na estrutura conceitual dessa forma gramaticalizada estar inserido, fundamentalmente, “o falante + alguém” ou o traço semântico [+EU] (Cf. Vianna, 2006).

Entre falantes cultos, Lopes (1999) destaca que, embora não seja possível averiguar a concordância direta com **a gente** na fala, formas verbais com desinência em P4 aparecem em estruturas paralelas. Diante dos resultados, optamos por realizar um cruzamento entre as variáveis fala/escrita e a marca morfêmica do verbo que acompanha o pronome **a gente** com o intuito de verificar qual o percentual de **a gente** na escrita e na fala acompanhado da marca morfêmica *-mos* e da marca morfêmica  $\emptyset$  (zero). Na análise de dados de escrita, o pronome **a gente** com marca morfêmica  $\emptyset$  (verbo em P3) possui mais ocorrências do que com a marca morfêmica *-mos*, tendo 17% de ocorrências deste caso contra 83% daquele. Fazendo esta mesma análise com os dados da fala, percebemos a elevação para 89% de ocorrências do pronome **a gente** com a marca morfêmica  $\emptyset$  (verbo em P3) contra 11% com a marca morfêmica *-mos*. Será que esse fato se caracterizaria em uma “hipercorreção”? Os alunos estariam tentando preencher o sujeito na escrita e fazendo a concordância com morfema *-mos* para **nós** e **a gente**?

Por fim, também podemos constatar que o pronome **nós** é, ainda, mais utilizado na escrita dos alunos do que o pronome **a gente**, visto que das 1.284 ocorrências de dados de escrita somente 174 dizem respeito ao **a gente**; entretanto, este número já é um indício de que este pronome está sendo inserido na escrita dos alunos do segundo segmento do ensino fundamental.

### 3.3.2. Preenchimento do sujeito

Temos o objetivo de averiguar se os pronomes **nós** e **a gente** na escrita formal presente nas produções de textos dos alunos, bem como na fala deles, já está se direcionando para o preenchimento do sujeito, uma vez que alguns estudos sociolinguísticos têm indicado que a língua portuguesa falada no Brasil apresenta, cada vez mais, sentenças de sujeito pronominal preenchido (cf. Duarte, 1993, 1995; Costa, 2003; Paredes da Silva, 2003; Nunes de Souza et al., 2010, entre outros). Assim, elegemos duas formas que o falante usa para referir-se à primeira pessoa do plural:

**- SUJEITO PREENCHIDO**

- (9) Nós explícito + *mos* (verbo em P4)
- (10) Nós explícito + O (verbo em P3)
- (11) A gente explícito + O (verbo em P3)
- (12) A gente explícito + *mos* (verbo em P4)

**- SUJEITO NULO**

- (13) Nós implícito + *mos* (verbo em P4)
- (14) Nós implícito + O (verbo em P3)
- (15) A gente implícito + O (verbo em P3) – n/d em nossos dados.
- (16) A gente implícito + *mos* (verbo em P4)

Os resultados da tabela 3, a seguir, mostram que, em relação ao uso dessa variável, há predominância de **a gente** no que se refere ao sujeito preenchido e não ao sujeito nulo. Os nossos resultados confirmam os resultados de Lopes (1993), em que a autora obteve um total de 972 dados, sendo 375 de **nós** (39%), 333 de **a gente** (34%). Na sua análise geral, a autora encontrou 562 dados de sujeito **nós**, explícito ou não, contra 410 de sujeito **a gente**, explícito ou não.

Tabela 3: Frequência e probabilidade de *a gente*, segundo a variável preenchimento do sujeito

Preenchimento do sujeito	Aplicação/Total	%	PR
<b>sujeito preenchido</b>	415/818	51%	.89
<b>sujeito nulo (ø)</b>	9/849	1%	.12
<b>TOTAL</b>	424/1.667	25%	

A porcentagem geral para o emprego de **a gente**, segundo a variável sujeito preenchido, quando comparada ao emprego de **nós**, é de 51% contra 49%, com peso relativo de .89, ou seja, um índice bem alto que corrobora a hipótese da mudança do parâmetro do sujeito. Observando os dados em separado, verificamos que há mais sujeito nulo com **nós** (99%) do que com **a gente** (1%), confirmando nossa hipótese de que, se a marca está colocada no morfema do verbo, o sujeito pode ser nulo. Portanto, os resultados da tabela 4 mostram que há mais predominância de sujeito preenchido com o pronome **a gente** (pois este pronome acompanha o verbo na 3ª pessoa do singular – P3) totalizando PR .89 do que com o pronome **nós**. E provavelmente o pronome **nós** apresentou-se acompanhado de sujeito nulo, pelo fato de ele vir acompanhado do verbo na 1ª pessoa do plural – P4, perfazendo o total de 99%. Duarte (1995, p. 124) disse que “sujeitos nulos vêm sendo cada

vez menos utilizados, em especial pela faixa etária dos mais jovens”. Possivelmente, isto ocorre porque os mais jovens têm feito mais uso de **a gente** do que os mais velhos e este pronome acompanha o verbo na 3ª pessoa do singular – P3, ou seja, a marca não está colocada no morfema do verbo e, em geral, ele é predominantemente empregado com sujeito preenchido.

No entanto, resta-nos saber se a mudança que vem se estabelecendo na fala do PB já está, igualmente, aplicada à escrita formal. A partir de resultados da frequência de **a gente**, segundo realização de cruzamento entre as variáveis fala/escrita e preenchimento do sujeito, os índices de preenchimento de **a gente** são praticamente iguais na fala e na escrita, 98% e 97%, respectivamente, em contraposição ao **nós**, com apenas 15% e 35%. Como fala Duarte (1993, 1995), o sujeito preenchido vem sendo cada vez mais usado, pois ocorreram apenas 2% de uso de sujeito nulo com **a gente** na fala e 3% na escrita. Por outro lado, o pronome **nós** vem preferencialmente nulo nas duas modalidades: 85% na fala e 65% na escrita. Em outras palavras, nossos resultados mostram que há uma discrepância maior entre sujeito preenchido e sujeito nulo quando se utiliza o pronome **a gente** do que quando se utiliza o pronome **nós**, tanto na fala quanto na escrita.

### 3.3.3. Paralelismo Formal (sujeito-sujeito)

Acreditamos que é o princípio de paralelismo formal que atua intimamente na eleição das variáveis em estudo. Partimos da hipótese de que a primeira ocorrência de um pronome condicione com as seguintes, desencadeando, portanto, uma série de repetições da mesma forma pronominal. Para análise desta variável valemo-nos de três tipos de paralelismo, como observamos a seguir (já com os amálgamas):

- (i) paralelismo formal: **paralelismo 1 (sujeito-sujeito)**: a gente/nós... 0; a gente/nós... a gente; a gente/nós... – mos; a gente/nós... nós); (ii) **paralelismo 2 (com clíticos: sujeito-objeto)**: a gente... nos/se; a gente/nós... (d) a gente (com a gente); a gente/nós... nós (de nós, com nós, para nós, conosco); e, (iii) **paralelismo 3 (com possessivos: sujeito-adjunto adnominal)**: a gente/nós... nosso (s); a gente/nós... (d) a gente.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> O paralelismo formal 1 (sujeito-sujeito) foi o que se mostrou significativo no resultado das rodadas.

Os principais critérios estabelecidos para considerarmos a existência de uma série discursiva do paralelismo 1 foram, então, os de sujeitos **nós** e **a gente** – explícitos ou implícitos – ocorrerem dentro de um limite aproximado de dez orações sem a intervenção do entrevistador. (Cf. Lopes, 1993). A seguir atentemos para a tabela 4.

Tabela 4: Frequência e probabilidade de *a gente*, segundo a variável paralelismo formal

Paralelismo formal	Aplicação/Total	%	PR
<b>a gente... ø</b>	10/12	83%	.96
<b>a gente... a gente</b>	267/386	69%	.72
<b>a gente... -mos</b>	102/876	12%	.49
<b>a gente... nós</b>	45/393	11%	.28
<b>TOTAL</b>	424/1667	25%	

A tabela supracitada mostra que, quando o pronome **a gente** inicia uma série, a tendência é que talvez a escolha influencie no uso de verbo + O nas formas subsequentes (PR 0,96). Porém, referente a este caso, obtivemos apenas 10 ocorrências, dentre as 12 totais encontradas, um número pequeno se comparado às duzentas e sessenta e sete (267) ocorrências de percentual 69%, em que observamos o peso relativo .72, e, deste modo, percebemos que, quando o pronome **a gente** inicia uma série, uma forte tendência é que a escolha influencie no uso de **a gente + a gente** nas formas subsequentes.

Nas palavras de Omena (2003), a opção da forma para a primeira referência é influenciada pela forma predominantemente empregada pelo indivíduo. Segundo a autora (2003, p. 72), o que ocorre, com pouquíssimas exceções, é que o falante em cujo desempenho predomina o uso de **a gente** tem mais formas iniciais com **a gente**. O mesmo se dá com os que usam predominantemente o **nós**. Desta forma, uma vez eleita a forma, o falante tende a repeti-la, sobretudo se o referente não se alterar.

Outra ocorrência diz respeito a **a gente...-mos** que totalizou, dos 876 casos, 102 episódios e PR .49. O que os estudos têm mostrado e Omena (2003) já comenta é que os casos de **a gente** com *-mos* ocorrem sempre depois da pausa, talvez o falante use a desinência para recuperar o referente<sup>7</sup>. Destarte, a atuação do paralelismo se verifica também em determinados contextos em que os pronomes **nós** e **a gente** não são realizados formalmente, ou seja, com a marca morfêmica esperada.

<sup>7</sup> Pretendemos continuar investigando o fenômeno relacionado ao paralelismo, mas precisamos, ainda, dispor de uma metodologia mais adequada e definida para tal estudo.

Lopes (1993) observou em seus dados, em relação ao paralelismo, uma maior frequência (i) com o sujeito não explícito com verbo na 1ª pessoa do plural – (93% dos casos, .86), e (ii) com a forma **nós** precedida de uma oração introduzida por **nós** (87%, .79). Isto, de acordo com a autora, indica que a probabilidade de usar o pronome **nós**, no lugar do **a gente**, é significativamente maior quando o falante emprega também **nós** em oração antecedente. Comparando seus resultados com os nossos, percebemos semelhança, pois a ocorrência do paralelismo **nós... nós** favoreceu a utilização do pronome **nós**, alcançando um percentual alto de 89%.

Com base nos nossos resultados, podemos observar que o uso do **a gente** na escrita está mais acentuado quando o paralelismo formal sujeito-sujeito ocorre da seguinte maneira: **a gente... Ø** e **a gente... a gente**, totalizando 83% e 49%, respectivamente. Além disso, nos casos de paralelismo formal sujeito-sujeito em que a segunda oração é formada por sujeito nulo e acompanhada de marca morfêmica **-mos** ou **Ø**, ocorreram mais casos da primeira concordância verbal do que da segunda (57 contra 10, em números absolutos). Em relação à segunda oração, de sujeito nulo, é possível aventar duas hipóteses distintas: a) caso o sujeito nulo se refira ao pronome **nós**, pode-se concluir que existe, na escrita, alternância entre os pronomes **nós** e **a gente**; ou b) caso o sujeito nulo se refira ao pronome **a gente**, pode-se concluir que existe, na escrita, alternância entre a concordância verbal **Ø** e **-mos** para o mesmo pronome (**a gente**). Em relação aos dados obtidos na fala, constatamos a inexistência de **a gente ... Ø**, apenas a presença de **a gente... -mos**. Considerando que houve, mesmo na fala, casos de **a gente -mos**, não é possível concluir que há apenas alternância de pronomes, de modo que as hipóteses aventadas anteriormente para a escrita terão de ser abordadas também nos estudos referentes à fala.

Mesmo não tendo condições de apurar, no momento, o que ocorre nesses casos de paralelismo formal sujeito-sujeito (alternância de pronomes **a gente** e **nós** ou manutenção do pronome **a gente** e variabilidade de concordância verbal **Ø** e **-mos**), pressupomos que, caso se trate de alternância de concordância verbal, esta não tende a predominar, pois a utilização de **a gente -mos** presente nos dados obtidos nesse estudo ocorre, em geral, em classes desfavorecidas, de pessoas menos escolarizadas, havendo alto índice de estigmatização entre as classes mais favorecidas e escolarizadas da sociedade (Cf. Silva, 2004). Entretanto, Omena (1998) aponta a existência considerável da alternância de pronomes em adultos (84%) e crianças (91%) para **a gente** ref. dif. e a

intercambialidade de *nós* ref. dif. em adultos (49%) e crianças (28%), de modo que pressupomos que a ocorrência de **a gente... –mos**, para que seja uma construção prestigiada, deva se referir à alternância de pronomes e não à alternância de concordância verbal.

Levando em consideração, ainda, o paralelismo formal sujeito-sujeito **a gente... a gente** na fala, os números indicam que a frequência de utilização de **a gente**, no lugar de **nós**, é maior quando o antecedente formal for **a gente** (82%), sendo que escolhida determinada forma, a pessoa tende a repeti-la. O mesmo ocorreu nos dados de Omena (1998: 196), em que a autora encontrou 93% de **a gente** ref. igual para adultos e 94% de **a gente** ref. igual para crianças.

Estes resultados, de modo geral, confirmam a tendência linguística do *paralelismo formal*, atestando, desta maneira, que uma vez selecionada a forma, a pessoa tende a repeti-la, especialmente, se o referente não mudar.

### 3.3.4. Saliência fônica

Conforme já mencionado por Zilles e Batista (2006, p. 105), o papel da saliência fônica se define como o de uma “hierarquia das formas verbais em função do contraste entre a forma com a desinência e a 3ª pessoa do singular”. A escala sobre a variação entre **nós** e **a gente** utiliza, em especial, as propostas de Omena (1998), Lopes (1993) e Naro et. al (1999) e subdivide-se em seis níveis de diferenciação fônica<sup>8</sup>.

O pronome de primeira pessoa do plural **nós/ a gente** pode harmonizar-se com o núcleo verbal que possua forma mais ou menos saliente. Nas palavras de Omena (1998, p. 69), há menos distância fonética entre **a gente fica X nós ficamos** do que entre **nós somos X a gente é**. A diferença entre *fica* e *ficamos* é somente o acrescentamento de uma sílaba, o que, segundo Omena (1998) favorece maior substituição de **nós** por **a gente**. Já *é* e *somos* são formas completamente distintas, tornando menos provável a ocorrência de **a gente**, conforme a autora (1998, 2003). Para exemplificar tal colocação, Omena (2003) apresenta seus resultados de análise de tempo real de curta duração com base na saliência fônica e uso de **a gente vs. nós**, sendo que os resultados vão das formas menos salientes para as mais salientes. Considerando os resultados apresentados por alguns autores, postulamos as nossas hipóteses e apresentamos os resultados na tabela 5, a seguir.

<sup>8</sup> Todavia, ao realizarmos a primeira rodada, alguns fatores apresentaram *KNOCKOUT* e, então, amalgamamos alguns graus, o que resultou nos graus 1 e 2. (Brustolin, 2009).

Tabela 5: Frequência e probabilidade de *a gente*, segundo a variável saliência fônica

Saliência fônica	Aplicação/Total	%
<b>grau 1:</b> falava/falávamos; fosse/fôssemos; ir/iramos; cantar/cantamos. <b>grau 2:</b> fala/falamos; conversa/conversamos; pôde/pudemos. <b>grau 3:</b> está/estamos; faz/fazemos; vê/vemos.	85/247	34%
<b>grau 4:</b> vai/vamos; partiu/partimos; comeu/comemos; foi/fomos; pediu/pedimos. <b>grau 5:</b> falou/falamos; passou/passamos; brincou/brincamos; voltou/voltamos. <b>grau 6:</b> é/somos; veio/viemos; teve/tivemos	339/1420	24%
<b>TOTAL</b>	424/1667	25%

Como os resultados<sup>9</sup> apontam, a nossa hipótese inicial se confirma. O pronome **a gente**, mesmo sendo menos utilizado do que o pronome **nós** em ambos os graus de saliência fônica, é empregado com mais frequência nos níveis de menor saliência fônica (34%) do que nos níveis de maior saliência fônica (24%).

Do mesmo modo que em Omena (1998, 2003), o infinitivo impessoal aparece favorecendo o uso de **a gente**; também, percebemos o infinitivo no grau 1 favorecendo o uso de **a gente** em nossos dados. Ao que parece podemos notar que os índices maiores da forma **nós** nos graus 4, 5 e 6 podem aludir também à prevalência do pretérito perfeito do indicativo e o pronome **a gente** pode estar aparecendo mais com os graus 2 e 3, correspondendo quase exclusivamente ao tempo presente; entretanto, se faz interessante observarmos, ainda, que no grau 1 há formas verbais do pretérito imperfeito e, no cruzamento das variáveis tempo verbal e saliência fônica, podemos constatar melhor em que tempo verbal cada uma das formas é mais utilizada e se há uma tendência maior ao uso de **nós** com tempos mais marcados (pretérito perfeito e futuro) e de **a gente** com as formas menos marcadas (formas nominais, presente e pretérito imperfeito) (Omena, 1998 [1986]; Lopes, 1993; Naro et al., 1999; Vianna, 2006; entre outros).

A análise realizada por Naro et al. (1999) foi submetida à relação das variáveis saliência fônica e tempo verbal. Os autores evidenciaram, no estudo, que o pretérito perfeito apresentou as formas mais salientes, centrando-se nos graus 4 e 5, mais altos da escala. Nos outros tempos, a diferenciação entre o singular e o plural foi menor: são os graus mais baixos – grau 1, fundamentalmente do pretérito imperfeito, e graus 2 e 3, do

<sup>9</sup> A tabela 5 ficou mais difícil de ser analisada devido aos amálgamas que fizemos, mas confirma, de certa forma, a nossa hipótese inicial.

presente. Naro et al. (1999) sugerem que, pelo fato de o tempo presente e o tempo pretérito terem a mesma forma na 1ª pessoa do plural, o falante tem se valido, cada vez mais, da desinência *-mos* para assinalar o tempo pretérito, em oposição à ausência de marca no presente.

Os nossos resultados ficaram muito próximos, e, embora em Omena 1998 [1986] e Naro et al. (1999) o pretérito imperfeito seja mais empregado com **a gente**, em nossos resultados, o índice deste para o pronome **a gente** foi o mais baixo, corroborando os resultados de Lopes (1993) uma vez que, nos dados da autora, houve um ligeiro favorecimento para o pronome **nós** (66%) nesses contextos. Pensamos ser indispensável citar que, em nosso estudo, a variável tempo verbal não foi selecionada como significativa, porém a interdependência dos fatores saliência fônica e tempo verbal nos parece evidente, visto que os alunos, ao narrarem um acontecimento da vida deles, referem-se a eventos passados, marcando-os temporal e cronologicamente<sup>10</sup>.

### 3.3.5. Paralelismo formal (sujeito-objeto)

Realizamos uma separação entre os paralelismos sujeito-sujeito, sujeito-objeto e sujeito-possessivo a fim de verificar minuciosamente cada tipo de paralelismo e suas relevâncias. Segue tabela 6 com os resultados.

Tabela 6: Frequência e probabilidade de *a gente*, segundo a variável paralelismo formal sujeito-objeto

	Aplicação/Total	(%)	PR
<b>a gente...(d)a gente, com a gente</b>	4/12	33%	.82
<b>a gente... nós, de nós, com nós, para nós, conosco</b>	10/43	23%	.43
<b>a gente.. nos, se</b>	13/82	16%	.47
<b>TOTAL</b>	27/137	20%	

O paralelismo formal (com clíticos: sujeito-objeto) que mais se mostrou significativo no estudo foi o **a gente...(d)a gente, com a gente**, ou seja, este resultado (33% e PR .82) indica também que, quando o pronome sujeito **a gente** inicia uma série, a tendência é de que o objeto também prefira a forma (d)**a gente**. O mesmo ocorre com o pronome **nós**, quando

<sup>10</sup> Realizamos também, rodada estatística sem a variável saliência fônica a fim de verificar se os resultados se diferenciariam muito, porém, retirando a saliência fônica do verbo, o resultado para a variável tempo verbal se apresentou o mesmo (Brustolin, 2009).

inicia uma sentença, em geral, é retomado no objeto, como os resultados confirmam, com 77% de frequência nessa relação.

### 3.4. Resultados e discussão das variáveis extralinguísticas

Das quatro variáveis extralinguísticas analisadas, duas se mostraram relevantes para a variação de **nós** e **a gente** em nosso estudo, a saber: sexo e série. Este resultado é importante, visto que fica evidente a determinação social do indivíduo na variação dos pronomes pessoais de primeira pessoa.

#### 3.4.1. Sexo

Segundo Labov (1972, 2003), percebe-se que as mulheres tendem a empregar as formas de maior prestígio, evitando formas estigmatizadas. Todavia, o autor também menciona que, nos processos de mudança linguística, as mulheres mostram-se mais inovadoras, introduzindo as variantes “não-padrão”, quando essa forma não estiver marcada.

Com base em estudos da área, nossa expectativa se aproxima da dos resultados alcançados por Zilles (2007) e também por Seara (2000) e é de que as alunas tendam a utilizar o pronome **a gente**, tendo em vista que ele não carrega muito estigma e como as pesquisas variacionistas, em geral, têm demonstrado, as formas “bem aceitas” na sociedade geralmente já estão na fala das mulheres.

Tabela 7: Frequência e probabilidade de *a gente*, segundo a variável social sexo dos informantes

Sexo	Aplicação/Total	%	PR
<b>masculino</b>	144/708	20%	.32
<b>feminino</b>	280/959	29%	.64
<b>TOTAL</b>	424/1667	25%	

Os resultados da tabela 7 corroboram nossa hipótese de que as mulheres tenderiam a utilizar mais o pronome **a gente** do que os homens. As mulheres utilizaram este pronome em 29% das ocorrências, e PR de .64. Esse resultado aproxima-se do encontrado por Zilles (2007) e por Seara (2000), em que as mulheres, de modo geral, também tendem a utilizar o pronome pessoal **a gente**.

#### 3.4.2. Série

Para a análise dessa variável, realizamos a distribuição pelas quatro séries integrantes do segundo segmento do ensino fundamental: 5<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup>.

Segundo Votre (2004), a escola age como preservadora da forma de prestígio. Todavia, nos pronomes pessoais de primeira pessoa **nós/a gente**, não há, atualmente, muito estigma<sup>11</sup>. Mas, embora o pronome **a gente** seja “bem aceito”, a sua possibilidade de ocorrência com o mesmo valor referencial do pronome **nós**, essencialmente na escrita, não costuma ser objeto do ensino formal, apesar de o pronome **a gente** ser usado no discurso dos professores e profissionais da escola.

Nossa hipótese quanto à série é encontrar mais ocorrências do pronome **a gente** na escrita dos informantes de 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> séries que estão passando pelo processo de aprender o conteúdo pronominal, utilizando, ainda, uma escrita menos formal, tendendo a empregar mais a *escrita 1*. E acreditamos encontrar mais ocorrências do pronome **nós** na escrita dos alunos de 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> série, pelo fato de estes estarem usando com maior frequência o pronome **nós** e estarem vivenciando uma fase em que a monitoração escrita, em geral, é mais recorrente, caminhando, então, para uma *quase escrita 2*. Quanto à fala, por ser mais espontânea, acreditamos que o pronome **a gente** será mais empregado pelos alunos em geral do que o pronome **nós**, independentemente da série.

Os resultados podem ser visualizados na tabela 8 a seguir.

Tabela 8: Frequência e probabilidade de *a gente*, segundo a variável série (5<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup>, 8<sup>a</sup>)

Série	Aplicação/Total	%	PR
5 <sup>a</sup> série	143/369	39%	.70
6 <sup>a</sup> série	126/503	25%	.51
7 <sup>a</sup> série	65/330	20%	.49
8 <sup>a</sup> série	90/465	19%	.33
TOTAL	424/1667	25%	

A partir destes resultados, podemos perceber que os alunos que mais utilizam o pronome **a gente** são das séries: 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup>, com 39% e 25% das ocorrências e acompanhadas de PR de .70 e .51, respectivamente, o que as aponta como favorecedoras do uso de **a gente** corroborando nossa hipótese. Em contrapartida, os alunos pertencentes às últimas séries do ensino fundamental (7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup>) mostram PR .49 e .33, respectivamente, embora também façam uso deste pronome.

<sup>11</sup> Em geral, baseadas nos resultados de pesquisas já mencionadas, podemos perceber que existe pouco estigma em relação ao pronome **a gente** no PB. O que é condenado, na maioria dos casos em Florianópolis, é o uso da concordância não canônica com os pronomes **nós/a gente**, ou seja, **a gente** acompanhado da marca morfêmica *-mos* e **nós** acompanhado da marca morfêmica  $\emptyset$ .

Destacamos que o pronome **a gente**, independente de sexo, é menos utilizado pelos alunos das duas últimas séries do ensino fundamental, confirmando o que alinhavamos em nossa hipótese.

#### 4. Reflexões finais

Podemos dizer que o pronome **a gente** é mais utilizado pelos alunos do ensino fundamental na fala e o pronome **nós** é mais utilizado por estes alunos na escrita. Os resultados obtidos corroboraram algumas das hipóteses que nortearam este estudo. Com base nos dados coletados, podemos dizer que a variação dos pronomes **nós** e **a gente** é linguística e socialmente motivada.

Obtivemos como resultado para a oposição de modalidade (fala x escrita) um maior emprego do pronome **nós** na escrita do que do pronome **a gente** na escrita, porém para fala o uso de **a gente** suplantou o de **nós**. A leitura dos resultados nos permite inferir que nas escolas da rede pública de Florianópolis pesquisadas: (i) o pronome **nós** é mais utilizado na escrita em detrimento do **a gente**, apesar de este já aparecer na escrita; (ii) o pronome **a gente** é mais usado na oralidade (narrativas de cunho pessoal) em detrimento do pronome **nós**; e (iii) apesar de **a gente** já ter um grande espaço, o emprego do **nós** na escrita é proporcionalmente maior do que o emprego do **a gente** na fala.

Ressaltamos, ainda, que o uso do pronome **a gente**, em geral, não apresenta muito estigma e está correlacionado a variáveis extralinguísticas, por exemplo, nível de formalidade, escrita *versus* fala e sexo dos falantes. Contudo, acreditamos que o estigma no uso do pronome **nós** e **a gente**, na maioria das vezes, está relacionado à realização da desinência verbal: **–mos (a gente cantamos)** ou **zero (nó(i)s canta Ø)**, e não à utilização dos pronomes **nós** e **a gente**, acompanhados de verbos nas formas P4 e P3, respectivamente. A partir dos resultados encontrados neste estudo, salientamos, ainda, que a marca morfêmica foi a variável linguística selecionada como a mais significativa em todas as rodadas e cruzamentos; deste modo, podemos afirmar que um dos fatores que está regendo a variação dos pronomes de primeira pessoa do plural **nós** e **a gente** são as determinações no uso da desinência verbal, além de determinações socioculturais do indivíduo.

Por fim, observamos que atualmente uma nova concepção de língua orienta uma nova forma de pensar o ensino desta. Portanto, um dos primeiros objetivos e uma das primeiras atitudes do educador deve ser o reconhecimento da realidade sociolinguística presente na sala de aula e na comunidade em que está atuando.

## Referências

ALBÁN, Maria Del Rosário Suárez. et alii. "Uma sondagem na norma culta brasileira". *Estudos lingüísticos e literários*. nº 5, Salvador, UFBA. Agosto, 1991. pp. 103-116.

ALBÁN, Maria Del Rosário Suárez e FREITAS, Judith. "Nós ou A gente?" In: *Estudos lingüísticos e literários*. nº 5, Salvador, UFBA. Agosto, 1991. pp. 75-89.

BAGNO, Marcos (org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2004.

BORGES, Paulo R. S. *A gramaticalização de "a gente" no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Letras) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BRUSTOLIN, Ana Kelly Borba da Silva. *Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do ensino fundamental da rede pública de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em Linguística) — UFSC, Florianópolis, 2009.

COSTA, Sueli. *O sujeito usado por crianças e adolescentes de Florianópolis: um estudo da ordem e do preenchimento*. Dissertação (Mestrado) — UFSC, Florianópolis, 2003.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *A perda do princípio "Evite Pronome" no Português Brasileiro*. Tese (Doutorado) — Unicamp, Campinas, 1995.

\_\_\_\_\_. "Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil". In: Ian Roberts, Mary A. Kato (orgs.). *Português Brasileiro – Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

FERNANDES, Eliene Alves. "Fenômeno variável: nós e a gente". In: HORA, Demerval da (org.). *Estudos Sociolingüísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa, 2004, pp. 149-156.

FREITAS, Judith Mendes de Aguiar. *Os pronomes pessoais sujeito no ensino fundamental: teoria gramatical e orientação do professor*. Salvador: Edufba. 1997.

LABOV, William. "Some sociolinguistic principle". In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (orgs.). *Sociolinguistics: The essencial readings*. Oxford: Blackwell, 2003 [1969], pp. 234-250.

\_\_\_\_\_. "Building on empirical foundations". In: W.P. LEHMANN & Y. MALKIEL (orgs.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam / Philadelphia: J. Benjamins, 1982, pp. 26-29 e pp. 55-89.

\_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change – Social factors*. Cambridge: B. Blackwell, 2001.

\_\_\_\_\_. *Sociolinguistic Patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

LOPES, Célia Regina dos Santos. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) — Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1993.

\_\_\_\_\_. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Tese (Doutorado) — UFRJ, Rio de Janeiro, 1999.

\_\_\_\_\_. “A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos”. *Fórum Linguístico*, v. 4, nº1. Florianópolis, julho de 2004. pp. 47-80.

\_\_\_\_\_. *A inserção de ‘a gente’ no quadro pronominal do português*. vol. 18, Frankfurt/Madri: Vervuert/Iberoamericana, 2003.

\_\_\_\_\_. “Nós e a gente no português falado culto do Brasil”. *DELTA*, vol. 14, nº 2, São Paulo: EDUC:1998. pp. 405-422.

MACHADO, Marcia dos Santos. *Sujeitos pronominais “nós” e “a gente”: variação em dialetos populares do Norte fluminense*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) — Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1995.

MENON, Odete P. da S. *A gente, eu, nós: sintomas de uma mudança em curso no português do Brasil?* Anais do ELFE. Maceió: UFAL: 1995, pp. 397-403.

\_\_\_\_\_. *O sistema pronominal do português do Brasil*. Letras, Curitiba, nº. 44, 1995, pp. 91-106.

MENON, Odete et al. “Alternância nós/ a gente nos quadrinhos: análise em tempo real”. In: RONCARATI, C. N. e ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

NARO, Antony Julius; GÖRSKI, Edair Maria; & FERNANDES, Eulália. “Change without Change”. *Language Variation and Change*. v. 11, nº 2, New York, 1999, pp. 197-211.

NUNES de SOUZA, C., BRUSTOLIN, Ana Kelly B. da S., SACHET, Patrícia F., COELHO, Izete L. “O preenchimento do sujeito pronominal em textos escritos de alunos adolescentes de Florianópolis”. *Working Papers em Linguística* – Programa de Pós-Graduação em Linguística/UFSC.

Florianópolis, v. 11, ed. especial, pp. 94-107, 2010.

OMENA, Nelize Pires. "A referência à primeira pessoa do discurso no plural". In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, Maria Marta P. (orgs.). *Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998 [1986], 2ª ed. pp.185-215.

\_\_\_\_\_. "A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?" In: PAIVA & DUARTE (orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa e FAPERJ, 2003, pp. 63-80.

SEARA, Izabel C. "A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana". *Organon*, v.14, n.28 e 29, Porto Alegre, 2000, pp.179-194.

SILVA, Ivanilde da. (2004). *DE QUEM NÓS/A GENTE ESTÁ(MOS) FALANDO AFINAL?: uma investigação sincrônica da variação entre nós e a gente como estratégias de designação referencial*. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas. *A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) — Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

VOTRE, S. J. "Relevância da variável escolaridade". In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. pp. 33-42.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William & HERZOG, Marvin. "Empirical foundations for a theory of language change". In: LEHMANN W. P. and MALKIEL Y. (orgs.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

ZILLES, Ana Maria S. e BATISTA, Hires Héglan R. B. "A concordância verbal de primeira pessoa do plural na fala culta de Porto Alegre". In: VANDRESEN, Paulino (org.). *Variação, mudança e contato linguístico no Português da Região Sul*. Pelotas: Educat, 2006, pp. 99-124.

ZILLES, Ana Maria. S.; MAYA, Leonardo Z.; SILVA, Karine Q. "A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS". *Organon*, 14, n. 28-29, pp. 195-219, 2000.

ZILLES, Ana Maria S. "O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação

social do uso de *a gente*?”. *Letras de Hoje*. v. 42, nº 2, Porto Alegre: junho, 2007. pp. 27-44.

\_\_\_\_\_. “The development of a new pronoun: The linguistic and social embedding of *a gente* in Brazilian Portuguese”. *Language Variation and Change*, 2005. pp. 19-53.

## Resumo

O objetivo deste trabalho é descrever e analisar a variação de *nós* e *a gente* (e suas possíveis realizações na desinência verbal -mos e zero) na fala e escrita de alunos do ensino fundamental (5<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> série) em quatro escolas da rede pública de ensino de Florianópolis – região leste de Santa Catarina. A análise está apoiada na Teoria da Variação e Mudança Linguística delineada por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972, 2001, 2003) e leva em conta a influência de fatores linguísticos e extralinguísticos no condicionamento das formas em variação. Esta pesquisa consistiu na observação do uso “real” desses pronomes e se efetivou partindo de uma proposta de narração solicitada aos alunos, que deveriam relatar a respeito de um momento marcante da vida deles, em conjunto, com outras pessoas – para se resgatar, preferencialmente, a primeira pessoa do plural. As amostras da pesquisa foram constituídas por produções textuais e entrevistas orais, no período de maio a outubro de 2008. Os resultados gerais já apontam para um uso efetivo da forma *a gente* na fala e na escrita dos alunos, com base nas rodadas que foram realizadas com a ajuda do pacote estatístico VARBRUL. Verificamos os seguintes contextos linguísticos e extralinguísticos favorecedores para o uso de *a gente* na escrita e na fala, respectivamente: (i) marca morfêmica do verbo que o acompanha (zero e -mos), (ii) sujeito preenchido e nulo, (iii) modalidade: fala e escrita, (iv) saliência fônica, (v) paralelismo formal, (vi) sexo dos informantes e (vii) série (5<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup>). Esse quadro aponta para o ensino de língua em que um dos primeiros objetivos e uma das primeiras atitudes do educador deve ser o reconhecimento da realidade sociolinguística presente na sala de aula.

**Palavras-chave:** variação/mudança linguística e ensino, pronome, fala e escrita.

## Abstract

The aim of this work is to describe and analyze the change of *nós* and *a gente* (and their respective realizations in the verbal ending -mos and null) in the

spoken and written language of the students in the middle school (5th , 6th , 7th and 8th grades) through four schools in the public system of education in Florianópolis – east region of Santa Catarina state. The analysis is supported by the theory of Linguistic Variation and Change, delineated by Weinreich, Herzog and Labov (1968) and Labov (1972, 2001, 2003) and it considers the influence of linguistic, and extralinguistic factors at the conditioning of forms in variation. This survey has consisted by the observation of “real” use of these pronouns and it was effected from a proposal of a narrative, solicited to the students, to report an impressing moment of their lives with other people, to get, preferentially, the first person of plural. The samples of the survey were constituted by textual productions and oral interviews, at the period from May to October 2008. The general results attest an effective use of the form *a gente* in the spoken and written language of the students, as we can verify through the results obtained by the rounds of the VARBRUL statistical packet. We have verified the following linguistic and extralinguistic favorer contexts for the use of *a gente* in the oral and written modalities, respectively: (i) morphemic mark of the verb, (ii) null or full subject, (iii) spoken and written languages, (iv) phonic salience, (v) formal parallelism, (vi) sex of the informants and (vii) school grades (5th, 6th, 7th e 8th). This scenery indicates a teaching of languages, which has as first aims and first educator’s attitudes the recognizability of the sociolinguistic reality present in the classroom.

**Keywords:** linguistic variation/change and teaching; pronouns; oral and written modalities.